

COLETE ENCAR- NADO

30 JUNHO
1 E 2 JULHO
2017
85 ANOS



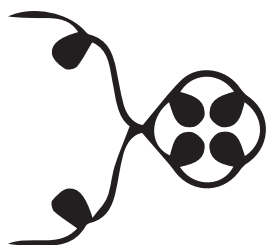
Câmara Municipal
de Vila Franca de Xira
www.cm-vfxira.pt

REVISTA

Casa Prudêncio

Um percurso rumo ao século

É no encontro de extensos e férteis campos, na Lezíria do Tejo, que distinguimos uma ganadaria cuja tradição, tecida ao longo dos tempos, trouxe glória à festa taurina. Nesta edição conhecemos a génese da Casa Prudêncio.



Com exploração solar na Herdade da Palhavã, situada no Porto Alto (Samora Correia), a ganadaria Prudêncio gere cerca de 500 cabeças de gado entre anjos, erais, novilhos, vacas e toiros. No remanso dos 280 ha de pastagens, ladeados pelo rio Sorraia, o atual efetivo conta uma história com mais de 94 anos.

Corria o ano de 1923 quando Prudêncio da Silva Santos encetou a formação da Ganadaria, com a compra de 70 vacas e dois sementais de casta portuguesa, à Casa Agrícola Ribatejana Lda., procedentes da casa António Luís Lopes (antiga vacada de D. Caetano de Bragança, Duque de Lafões). Estava criado o ferro PS (com as iniciais do seu fundador), que sai à praça em 1925, data de registo da sua antiguidade. Contudo, o falecimento do criador, apenas dois anos depois, obriga a passagem da direção da ganadaria, propriedade da empresa agrícola então nascida, para o seu filho, Teodoro da Silva Santos. Tomando as rédeas da Casa inicia um percurso que o constitui, sobretudo a partir de 1943, como grande obreiro dos

toiros Prudêncio, que começam a abrilhantar espetáculos e a granjear fama pelo País. É nessa época introduzido o primeiro sangue Espanhol, com um semental de encaste Parladé (adquirido a Joaquim Andrade), cuja sucessão de descendentes se manteve a par da evolução e história da Ganadaria: *Pêra de Aço*,



Carinhoso, *Despertador* e *Voluntário* foram os reprodutores entre 1949 e 1968.

Em 1972, por falecimento de Teodoro Santos, é um sobrinho do mesmo, António Santos Andrade, que passa para os comandos da Casa, refrescando o sangue do efetivo com a compra de um semental de ferro Norberto Pedroso, adquirido a David Ribeiro Telles. Em 1975, no período pós-Revolução, a

empresa familiar é reorganizada e a sua gestão passa para o seu irmão, João Santos Andrade (atual representante), que se decide por uma renovação do gado. Procede, então, à compra de 35 vacas de ventre e de um semental (*Rainho*) da linha Urquijo, que veio a ser substituído pelo semental *Cascais* da mesma ganadaria (José Manuel Andrade). Nos anos 80 foi escolhido para reprodutor o *Baptista* (ferro PS) e, atendendo à qualidade dos filhos que gerou, padreou até 1993, sendo considerado um dos pilares da atual linhagem da Casa.

Presentemente, todas as vacas possuem, na sua genealogia, sangue deste toiro histórico. Seguiu-se *Liano*, comprado igualmente a D. Luís Passanha e que, também devido à morfologia e comportamento impressos na sua descendência, serviu como semental até 2002. *Vilaverde* e *Rouxinol* foram os que se seguiram, com episódios marcantes. O primeiro, responsável pela colhida, em 2000, do cavaleiro Rui Alexandre e o segundo que arrecadou o prémio de bravura em 2009, lidado por Luis Rouxinol. Mantendo, como até hoje, a linha Morube-Urquijo, renovou-se ainda sangue com o toiro *Valenciano* (ferro Campos Peña), que veio a vencer o concurso de ganadarias em 2010 (na Nazaré).

Esta sucessão de sementais acompanhou a variação do solar da Ganadaria. Inicialmente sedeadada na Herdade da Pipa da Charneca, no concelho de Coruche, mudou-se para a herdade dos Paios na Lamasosa até passar para onde a conhecemos presentemente, na Herdade de Palhavã.

"Possante, nobre, áspero, mas com toureabilidade"

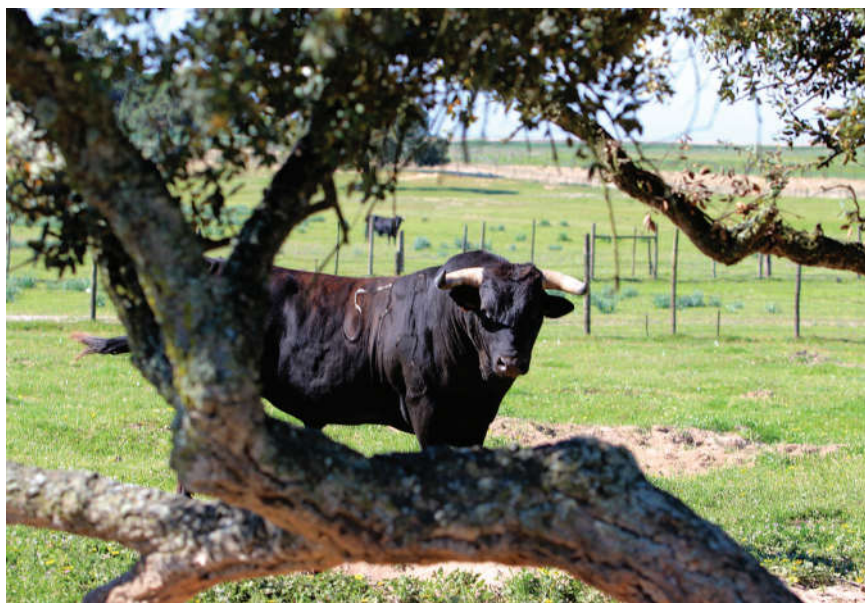


Empresário agrícola, João S. Andrade preside, desde 1985, à Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide. Mas é enquanto representante da Ganadaria Prudêncio que nos leva aos campos e fala, ufano, sobre as suas reses e de algumas memórias, que a erosão do tempo não esbate.



A nossa visita à vacada é enca-
rada com ligeiro desassossego. Afi-
nal estão habituadas à sua própria
movimentação, uma espécie de
música do campo que as envolve e
protege. São cerca de 100 as vacas
de ventre, entre as quais nos espreita
com maior atenção a *Mariana* (acom-
panhada dos seus bezerros gémeos)
e que vem à cerca, à mão de João
S. Andrade. O ganadeiro conhece-
-os pelo nome ou não disfarçasse
mal umas ganas de amor pelos ani-
mais, talvez incrementada pela sua
formação veterinária. Depois é a vez
de nos aproximarmos do gado bravo
que cresce, na sua totalidade, nesta
herdade. Avistamos uma massa
negra, animais cujo peso varia entre
os quinhentos e muitos e os 600
kg, generosos, de comportamento
imprevisível, dotados de uma raiva
em estado puro. “Animal possante,
nobre, pronto e com toureabilidade
já bastante razoável” é a forma como
João S. Andrade descreve os toiros
da divisa verde e branca. “Ásperos”,
acrescenta, mas com bravura que dá
qualidade à Festa.

Na sua definição, o toiro do
triunfo é aquele que deixa tourear,



mas que leva emoção e espetáculo
ao público. Sobre uma eventual
tendência ou aptidão dos seus ani-
mais e, embora a tradição dite que
a *fiereza* os vocaciona para toureio a
cavalo, evidencia que “eles quando
são bons saem bem em tudo”.

Estes animais valorosos, onde se
contam, atualmente, três semen-
tais (*Valenciano* – ferro Campos
Peña, *Estorninho* – ferro Prudên-

cio) e *Fisgo* – ferro Romão Tenório),
gozam da benesse do verde pasto
da Lezíria, que tragam até a natu-
reza o proporcionar. O dia a dia
do gado é levado pela mão firme
do maioral Lúcio Baptista, cam-
pino homenageado em Vila Franca
de Xira, no Colete Encarnado de
2013. Lida há 49 anos (desde a sua
infância), os toiros Prudêncio. O
trabalho sanitário, isto é, manter



a boa saúde e higiene da ganadaria é, porventura, a manobra diária mais importante, sublinha João S. Andrade.

Tentar brindar a *afición*

Entre as tarefas camperas, o ganadeiro explica-nos como se processam ali as tentas: “à moda espanhola, de resto como em todas as ganadarias”, adianta. “Aos dois anos de vida com picador e lide a pé, os momentos que nos dão indicações mais certas e, passando ainda pelos treinos dos cavaleiros.” Na tenta, a faena do campo, observa-se a essência da investida e os rasgos de comportamento, fazendo adivinhar como será na arena, a medida do domínio, da coragem e inteligência sobre a força e a bravura. No modo como acodem à vara, os entendidos observam-nos num sortilégio com codícia, augurando-lhes o destino. Este momento é crucial para uma seleção apurada e provém de uma procura incessante de brindar a *afición* com reses que

possuam harmonia entre o *trapío*, a apresentação e a nobreza.

Desafiado a compor o cartel ideal para o seu melhor curro, João S. Andrade não lança nomes, mas adianta que “gostaria de ver nas praças sangue novo a sobressair”.

Triunfadora em vários concursos de ganadarias e em prémios de bravura é fácil resgatar das memórias toiros que deram notoriedade à Casa, quase todos os que serviram de semental. Singrou no reconhecido crítico meio tauromáquico, mas refira-se que, mais que resiliência, é a paixão que ajuda ao exercício de engenharia financeira exigido por uma ganadaria. O criador explica que deve sair do toiro a maior receita ou não fosse este o que requer maior investimento. Apesar da existente exploração agrícola (fruta e cereais, também, aproveitados na alimentação dos animais) e, ainda, da carne merto-lenga (de uma vacada concentrada na freguesia de Lamarosa – Coruche), a criação de toiros de lide é o mote do seu trabalho. Contudo, explica-nos que é complexo perpetuá-la. A título de exemplo, “as alterações introduzidas no regula-

mento tauromáquico não vieram trazer mais-valias, mas sim retirar margem aos criadores, incrementando custos, no que ao transporte e acomodação dos animais” dizem respeito.

Ainda em passeio pelo campo passamos por novilhos sobre os quais nos explica: “têm três anos e vão ser lidados este ano”, informando-nos de acordo com a agenda, onde estão já anotadas corridas em Abiul (Pombal), Cartaxo, Nazaré, Figueira da Foz e pela região do Alentejo.

Abre ocasionalmente as portas para treinos de forcados e participa, mais uma vez, nas ansiadas Esperas do Colete Encarnado, que descreve como “uma festa de muita tradição, cariz e cor extraordinários”. Sabido é que Vila Franca de Xira expressa, sobretudo, nesses três dias, o seu sentido de terra aficionada, garbo na sua tradição. A adrenalina improvisa nas Esperas de toiros, a sardinha deita no pão e o convívio, generoso, estende-se a todos quantos entram nesta Festa maior.

Texto: Ana Sofia Coelho

Fotografia: Hélder Dias